**Recontando Trajetórias: um olhar sobre os percursos formativos e profissionais dos professores colaboradores**

Sônia Maria Santos do Nascimento (Professora da SEDUC PI)

sonia.santosn@hotmail.com

**1 Introdução**

Este estudo é parte da Dissertação de Mestrado que foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Piauí, na linha de Pesquisa de Ensino, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas sob a orientação da Professora Pós-Doutora Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina. A citada Dissertação fez uso da pesquisa Colaborativa e como procedimento metodológico narrativas de vida profissional de professores fundadores do Curso de Pedagogia da CMRV/UFPI.

Deste modo objetivamos neste artigo mostrar o momento que os professores-colaboradores relatam suas histórias de vida profissional, nos permitindo com isto desvelar os percursos formativos e profissionais dos mesmos.

Ressaltamos portanto, que neste fazemos uso apenas de trechos das narrativas, mas estes por sua vez nos permitem perceber regularidades e irregularidades ocorridas na formação docente, contribuindo assim para compreensão da trajetória destes colaboradores no decorrer do processo formativo e profissional dos mesmos.

Assim, analisamos os trechos das histórias de vida profissional[[1]](#footnote-1) destes professores utilizando o nome real de cada um visto que, segundo eles, não há razão para mantê-los em sigilo.

**2 Formar-se professor, tornar-se professor: narrativas de vida profissional**

As narrativas dos professores-colaboradores revelam sentidos e significados referentes às trajetórias formativas e profissionais, realçando também aspectos históricos relacionados com o formar-se e o tornar-se professor. Dessa forma, elegemos como categoria teórica, para analisar essas narrativas, os motivos que levaram os colaboradores a escolher a profissão de professor, ressaltando, nesse processo analítico, a relação entre esses motivos e as trajetórias formativas e profissionais do grupo colaborador. Assim, primeiro procuramos compreender a motivação que os colaboradores tiveram e que os levaram à profissão professor, isto porque, segundo Schwartz (2006, p. 163), “[...] a motivação contribui para explicar/compreender o porquê de uma ação. É como se a motivação fosse uma das respostas possíveis à pergunta referente ao porquê de determinado comportamento”.

Frente ao exposto, após lermos e relermos as narrativas, verificamos que parte dos colaboradores, de forma direta ou indireta, motivaram-se para serem professores porque cresceram no meio de pessoas que exerciam essa profissão. Para Schwartz (2006, p. 161), “a motivação é o processo através do qual os motivos surgem, se desenvolvem e mobilizam comportamentos”. Assim, entre os colaboradores, existem também aqueles que se sentiram motivados em função das suas trajetórias formativas, as quais desencadearam os motivos pelos quais tornaram-se professores. Leti (2005, p. 68) afirma que “o motivo é entendido como a coisa objetiva com a qual a necessidade se realiza diante das condições dadas”. Assim, conforme o apresentado, a condição profissional que foi dada a esses colaboradores direcionou-os para o magistério, dessa forma, tornar-se professor passou a ser objetivo deles.

Schwartz (2006, p. 168) considera que “os motivos se referem a um conjunto de ações emocionalmente carregadas, que implicam a antecipação de uma meta ou objetivo preferido”. Nesse sentido, as ações dos colaboradores, ao preferirem ser professores, foram: fazer um curso de licenciatura, especializar-se, aprimorar sua formação entre outros. Diante dessa realidade acreditamos que o motivo é a necessidade que surge frente às motivações que nos foram apresentadas e que vêm nos impulsionar a realizar alguma atividade referente a essa necessidade.

Conforme Leti (2005, p. 69), para a abordagem sócio-histórica,

[...] a necessidade inicialmente aparece só como condição, como premissa da atividade, mas quando o sujeito começa a atuar, imediatamente ocorre sua transformação e a necessidade deixa de ser o que virtualmente era em si. Quanto maior o desenvolvimento da atividade, mas esta premissa vai se convertendo no seu resultado, no motivo.

Assim, acreditamos que, a partir do momento em que os colaboradores ingressaram na profissão, começando investir nesse fim e buscando meios para aprimorar a trajetória formativa e profissional, esse conjunto de atividades foi se tornando um motivo para eles se tornarem e se formarem professores.

Os relatos apresentados no subtópico a seguir, fornecem dados referentes a cada uma dessas categorias. Iniciamos pelos motivos que fizeram os colaboradores optar pelo magistério, ressaltando suas trajetórias formativas.

**3 Trajetórias formativas dos colaboradores**

Papi (2005, p. 123) aponta “[...] que durante o período de formação inicial, os acadêmicos vivem diferentes situações junto aos formadores e aos demais elementos dos vários contextos aos quais tiveram acesso e do qual fizeram parte”. Assim, acreditamos que o trajeto de formação, na maioria das vezes, revela múltiplas intencionalidades. Para a autora (2005, p. 123), “[...] o percurso vivenciado permite o acesso, participação e construção de certa cultura profissional, ou seja, de valores, percepção, crenças, atitudes, que existem na comunidade docente e tem importante influência no desempenho profissional”. Portanto, aquilo em que os professores acreditam, o que valorizam, as formas de pensar e fazer a profissão configuram essa cultura, conforme percebemos nas narrativas a seguir.

Prof.ª Christina – [...] No colégio como estudante sempre era muito estudiosa e gostava de fazer grupos de estudos em minha casa, bancando sempre a professora, a que liderava o grupo ajudando com os conhecimentos que adquirira na biblioteca particular da casa.

Prof.ª Rosalina – Minha irmã até me dizia para eu deixar o curso, mas eu comecei a estudar e achava o Curso de Letras muito rico, muito interessante. [...] foi neste momento que eu despertei para a profissão [...]

Formado em Filosofia, ex-seminarista, o professor Jaime demonstra que trouxe para a sua profissão, desde que começou a lecionar, aspectos vivenciados no processo de formação inicial. Na narração que faz sobre a trajetória de formação inicial no seminário, destaca que essa formação deixou marcas positivas que se estenderam ao longo do desenvolvimento das suas atividades pessoais e profissionais. A esse respeito, destacamos a forma como o professor procurava ajudar as pessoas, em especial seus alunos, a enfrentar as dificuldades de ser e tornar-se professor.

Eu terminei o Curso de Filosofia Pura em 1972, foi a partir de então que eu vim para Parnaíba. [...] como já falei anteriormente, vim trazer uma sobrinha para passar férias, para conhecer a cidade e por aqui fiquei, fui conhecendo pessoas, procurando me colocar no mercado de trabalho e em pouco tempo já estava empregado, então por aqui fui ficando, constituí família, criei meus filhos e por aqui estou até hoje [...]. Quanto me valeu dezesseis anos de seminário, quanto me valeu, toda minha bagagem filosófica! Era uma filosofia tomista, não era uma filosofia platônica, era eclesiástica, então me ajudou bastante na formação dos jovens alunos, de apoiar, aconselhar [...] eu ajudei alunos que choravam porque certos professores não lhe davam o apoio devido, eu ia na casa delas, eu apoiava, mostrava exemplos, e assim eu ia contribuindo naturalmente na formação de cada um.

Pesquisas como a de Ferreira (2006), Papi (2005) e Oliveira (1998) destacam que alguns professores passam a se interessar pelo magistério somente após ingressaram no mercado de trabalho e, efetivamente, exercer a profissão. Nesse sentido, ressaltamos a afirmação de Munhoz (2000, p. 112) com relação a esse aspecto, quando ele afirma que “[...] logo nos primeiros anos vim conhecer melhor o curso de História e perceber que havia começado a despertar o interesse pela educação”. Equivalente a esse relato, a professora Rosalina, uma das colaboradoras desta pesquisa, ressalta:

[...] Eu achava o Curso de Letras muito rico, muito interessante [...], eu descobri que ser professora era algo maravilhoso quando iniciei meu estágio em francês. Eu percebi como era gratificante dividir com os outros aquilo que sabia. Foi neste momento que despertei para a profissão, pois, até então, tudo o que eu não queria era ser professora.

Conforme o relato, observamos que, apesar de a narradora estar fazendo um curso de licenciatura, que provavelmente lhe habilitaria ao exercício do magistério, ela não queria ser professora. No entanto, com a continuação do curso, a professora percebe-lhe o valor, no decorrer do estágio de francês, o que gerou motivos que a levaram a gostar da profissão.

Os motivos que levaram professora Francimar a optar pela profissão são de ordem familiar, conforme percebemos a seguir:

Tornei-me professora por influência de uma tia, a mesma tinha uma paixão especial pela educação. Aprendi a gostar da educação com ela, é tanto que, quando prestei vestibular para Pedagogia e fui aprovada, ela vibrou muito, foi aquela animação, eu nem fiz o vestibular de Ciências Sociais que eu já estava inscrita, ela dizia que eu combinava com a educação. Logo que concluí o Curso Normal, em 1966, tornei-me professora.

Evidenciamos que a tia da professora Francimar, embora não tenha sido impositiva, influenciou a sobrinha, já que a escolha que ela fez pela profissão deu-se em virtude do desejo de sua tia em vê-la formada como professora. Nesse sentido, no momento de prestar vestibular, Francimar opta pelo Curso de Pedagogia, alegrando a tia, cuja influência também contribuiu para que a professora Francimar aprendesse a amar sua profissão.

A professora Francimar destaca também que a decisão de sair de Parnaíba, sua cidade natal, para Fortaleza, com o objetivo de continuar os estudos, foi em função do desejo de se aprimorar. Na época, Parnaíba não contava com ensino superior, então ela foi residir em Fortaleza por quatro anos a fim de realizar seu desejo. A professora saiu de Parnaíba em busca de formação superior. Em seguida, retorna a essa cidade, onde recomeçou a trabalhar como professora em escolas de segundo grau.

Nos relatos da professora Christina, percebemos que ela não se preocupava apenas com a sua formação, mas, também com a dos demais professores da cidade de Parnaíba, tanto que, juntamente com outros professores, liderou um grupo que objetivava implantar ali um curso superior na área de educação, pois isso evitaria que os professores saíssem para outras cidades em busca de formação, situação que era dispendiosa para eles, a exemplo da professora Christina que, em 1972, iniciou o Curso de Pedagogia–Magistério na capital do Estado (Teresina), conforme conta na sua narrativa:

A partir dos anos 80, começamos a nos preocupar, como profissionais, com a formação dos professores já que a nova Lei do ensino 1971 exigia habilitação em nível superior aos profissionais da educação para atuarem da 5ª série em diante. Muitos profissionais, preocupados, seguiram em busca desta habilitação. Teresina, Fortaleza ou Sobral passaram a ser os centros mais procurados por esses educadores. Nós mesmos fomos daqueles que seguiram a Teresina, em 1972, para cursarmos Pedagogia.

Evidencia-se, portanto, nas narrativas, que vários foram os motivos que levaram os colaboradores a se formarem professores, dentre eles foram citados os provenientes do desejo particular da própria colaboradora (Prof.ª Christina) e os provindos da influência familiar (Prof.ª Francimar). As narrativas também revelaram que uma das pesquisadas (Prof.ª Rosalina) cursava Licenciatura em Letras, mas não queria ser professora, sendo que o interesse pelo curso e pela profissão surgiu no momento do estágio supervisionado enquanto o professor Jaime expressou na sua narrativa que os conhecimentos adquiridos no seminário o motivaram à profissão, porque, sendo professor, poderia repassar o que havia aprendido, além do mais poderia lidar com pessoas, algo que muito lhe agradava.

No item seguinte, analisamos a trajetória profissional do grupo e os motivos que os levaram a optar pelo magistério.

**4 Trajetória profissional e os motivos da escolha da profissão**

Os motivos que levaram os professores a escolher a profissão são bastante diferentes, embora apresentem, em geral, semelhanças com os resultados encontrados por outros pesquisadores, como Oliveira (1998) e Sousa (2005).

Oliveira (1998) detectou em sua pesquisa de mestrado que os motivos que influenciaram parte dos pesquisados a escolher a profissão de professor foram os seguintes: gosto pela atividade de ensinar e a descoberta, na infância, do pendor para ensinar, quando brincavam de escolinha com irmãos, primos e amigos. Semelhante a esse resultado, a professora Christina narrou o seguinte:

Sempre gostei de ser professora. Desde criança eu já demonstrava o desejo de ser professora. [...] Em casa, à noite, ensinava o que aprendia às domésticas e aos meus irmãos mais novos. Não havia, na época, escolas de educação para adultos. Desse modo, as domésticas eram sempre analfabetas e ficavam felizes em aprender, mesmo com as crianças ou jovens. [...] Embora as oportunidades de trabalho tenham acontecido inicialmente para o comércio, recusei-as, deixando de trabalhar na casa comercial de meu pai e de meu tio. Preferi aceitar convites e indicações para lecionar nos colégios da cidade de Parnaíba. Naquela época (1954), não havia concursos públicos para o magistério.

A colaboradora manifestou o gosto pela atividade de ensinar ainda na infância, quando ensinava aos irmãos mais velhos e às domésticas de sua casa aquilo que aprendia na escola. Evidencia-se também que a professora teve oportunidade de trabalhar em outra profissão, no entanto, preferiu aceitar os convites que recebeu para lecionar, tornando-se, assim, professora. Nesse sentido, realizou o sonho de infância de seguir a carreira docente.

A influência da família é um dos fatores que motiva no momento da escolha da profissão, conforme percebemos nos relatos da professora Francimar, já referido. Oliveira (1998), Sousa (2005) e Ferreira (2006) também constatam, em pesquisas realizadas com professores de diferentes níveis de ensino, que a família contribuiu, sobremaneira, para a escolha da profissão, principalmente quando se trata de mulheres-professoras. Nessa direção, Ferreira (2006, p. 65) afirma, realçando os resultados encontrados em pesquisa[[2]](#footnote-2), que “[...] algumas vezes a influência da família ocorre de forma sutil”. A autora afirma que ela própria foi influenciada por uma irmã no momento em que escolheu ser professora.

Nos relatos do professor Jaime observamos que ele escolheu o magistério em virtude das próprias experiências vivenciadas no processo de escolaridade, conforme apresentamos:

Prof.º Jaime - [...] Assim a Filosofia aprendida no seminário me levou a ser professor. Eu achava que nesta profissão eu poderia fazer o que gosto, que é lidar com gente. Eu poderia pôr em prática tudo que havia estudado. Nesta época, eu tinha um irmão que já estava aqui em Parnaíba. Com o objetivo de trazer uma sobrinha para conhecer Parnaíba, vim parar aqui. [...] Nisto me deu vontade de conhecer o campo de educação em Parnaíba, na época, eu já lecionava em Fortaleza. Entrei em contato com a Prof.ª Christina[[3]](#footnote-3), que, naquele período, era diretora da Escola Normal em Parnaíba. Por coincidência, fiquei sabendo que uma professora de Filosofia e Psicologia havia pedido transferência para Teresina, e o campo estava com uma vaga em aberto. Como eu já tinha experiência de sala de aula em Fortaleza e possuía um diploma já registrado, ela me sugeriu que tentasse a experiência de ficar em Parnaíba.

O professor Jaime comenta que a escolha da profissão aconteceu em razão da filosofia estudada no seminário e também porque o magistério lhe possibilitaria lidar com pessoas, o que lhe agradava muito.

Ao descrever a forma como escolheu a profissão docente, esse professor relata que escolheu Parnaíba porque percebeu que tinha mais oportunidade de trabalho do que na sua cidade natal, bem como destaca que as experiências adquiridas nas escolas no Ceará e a carteira registrada lhe deram condições de inserir-se no mercado de trabalho, levando-o a ministrar aulas nas escolas de renome existentes naquela época, conforme exposto anteriormente.

A professora Rosalina afirma em relatos já referidos que a escolha pela profissão está associada às experiências vivenciadas no estágio. Nesse sentido, mostra que, para ser professor, é necessário gostar do que se faz e ter prazer em dividir com os outros os conhecimentos adquiridos no processo formativo. Ferreira (2006, p. 66) constata, em pesquisa realizada com professores do Rio Grande do Norte, que um dos elementos para a escolha da profissão é “[...] a experiência de participar, como estudante, num projeto de extensão universitária”.

A professora Francimar iniciou-se na profissão atuando em três turnos de trabalho, aspecto muito comum do início da carreira de professor, principalmente no magistério das séries iniciais do ensino fundamental e médio. Também no curso, ela passou a desempenhar funções correlatas com a docência, muito embora não se sentisse muito apta para desempenhar a função de superintendente escolar.

Concluído o Curso de Pedagogia, em 1971, retorno a Parnaíba e, em março de 1972, recomeço o trabalho de professora. Dessa vez, trabalharia com jovens que cursavam o 2° grau no Colégio Estadual Lima Rebelo e na Escola Normal Francisco Correia. De 1976 a 1980, embora mantivesse vínculo na parte de ensino, com a Escola Normal, fui designada para trabalhar no Complexo Escolar Parnaíba II. Ali exerci a função administrativa no cargo de superintendente escolar. Acredito, hoje, que a dimensão da responsabilidade foi proporcional à experiência. O complexo escolar representava uma rede de dez escolas de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental a serem gerenciadas nos aspectos: controles de alunos, professores, pessoal de apoio e estrutura material. Isso representava, portanto, uma administração centralizada, com certa burocracia a ser respeitada.

Hoje existe um grande número de pesquisas que se referem à forma como os professores ingressam nessa profissão. García (1999) constatou que os professores, geralmente, ao abraçarem a profissão, preocupam-se em se desenvolver profissionalmente, já que têm consciência de que sua formação é incompleta, sendo que as experiências que tiveram ou têm como estudantes influenciam no processo de desenvolvimento docente. A preocupação com esse desenvolvimento é desvelada na narrativa da professora Christina desde o início da profissão:

Iniciei como alfabetizadora no Ginásio São Luiz Gonzaga[[4]](#footnote-4) (particular), onde percorri depois todas as séries do 1º grau da época, hoje ensino fundamental. Foi uma rica experiência, pois na turma havia alunos que realmente seriam alfabetizados em cartilhas e outros que já podiam seguir as leituras do 1º livro. Era como se dizia antigamente mesclagem de alunos do 1º ano A e 1º ano B. Este passo de dificuldade aliado a minha vontade de acertar permitiram-me, já naquela época, utilizar muita movimentação na sala de aula, como cartazes, jogos didáticos, e efetuar dramatizações. Nos períodos de férias frequentava, em Fortaleza-CE, cursos de Didática, Metodologias, Orientação Educacional, Geografia, Desenho, promovidos pelo MEC, que realizava cursos para atualização e aperfeiçoamento de professores durante os meses de janeiro, fevereiro e julho. Em outras oportunidades, participei de encontros pedagógicos, seminários e conferências em Recife, Belo Horizonte, Niterói (RJ), Curitiba e São Paulo. De todos trazia conhecimentos e inovações que aplicava e testava nas salas de aula. [...] A passagem como professora por todos estes colégios foi muito significativa para mim, especificamente, porque não me preocupava apenas em transmitir conhecimentos, mas, sobretudo, julgava-me responsável também pela formação do aluno, o desenvolvimento de suas habilidades e despertar em cada um o desejo de crescer, e ser um elemento útil à sociedade.

A professora Christina ingressou na profissão em salas de alfabetização, chegando, posteriormente, a exercer a docência no 2º grau (hoje, ensino médio) em escolas da cidade de Parnaíba. Observamos que, no início da carreira dessa colaboradora, ela fazia uso de materiais diversificados, dentre os quais, destacamos os jogos didáticos e os cartazes, para movimentar suas aulas, demonstrando entusiasmo logo no início da profissão. Para Huberman (1992, p. 39), “[...] o aspecto da descoberta traduz o entusiasmo inicial da profissão”, ao que acrescentamos, e é fruto também do desejo particular de ser professora.

Ainda em relação ao que afirma García (1999) de que após ingresso no magistério os professores buscam novos conhecimentos, encontramos o seguinte depoimento:

Professora Francimar: logo que concluí o Curso Normal, em 1966, tornei-me professora. Trabalhei cerca de um ano e meio numa escola particular, onde pude pela primeira vez experimentar o calor humano passado pelas crianças que cursavam a 2ª série do ensino primário. O conhecimento sobre o preparo para a docência aliada àquela experiência promissora representou o marco para a busca de novos horizontes. Na época, Parnaíba não contava com ensino superior. Fui residir em Fortaleza por quatro anos, a fim de realizar o meu desejo.

Observamos que os conhecimentos adquiridos no decorrer da sua formação, juntamente com a experiência de sala de aula, levou a prof.ª Francimar a investir no seu aperfeiçoamento como docente.

Professor Jaime explica que ingressou no magistério ministrando aulas no Ensino Médio, em cursos de formação de professores. Nesse sentido, destaca que:

Em 1969, eu ingressei no Magistério na Escola Normal, do Colégio Santa Cruz de Paranagaba, foi lá que eu comecei a dar aulas. Iniciei ministrando as disciplinas de Filosofia e Psicologia.

Professora Rosalina relembra que vivenciou muitos conflitos até ingressar na profissão. Um deles foi aceitar o convite para ministrar aulas de francês no Ensino Superior. Para a professora, a decisão de ingressar no magistério superior representava um passo muito grande para quem ainda não tinha nenhuma experiência profissional. Desta maneira segue o seguinte depoimento:

Quando menos esperava, fui convidada para substituir uma professora de Cultura Francesa no Campus Ministro Reis Velloso. Oscilei um pouco, mas pensei: − “meu Deus, começar pela universidade”..., mas foi lá que encontrei um grupo de docentes que me deu muita força e afirmaram que eu não deveria nem pensar, afinal eu estava começando por onde os professores terminam. Havia ali uma inversão de trajetória e isso era rico para qualquer principiante. Não foi muito fácil, mas aceitei.

Ressaltamos que o relato da professora deixa transparecer que o ingresso na docência superior ocorreu de forma ocasional. Constatamos fato semelhante em pesquisa[[5]](#footnote-5) realizada por Ibiapina (2002, p. 34) com professores universitários, já que a autora constata que “[...] dos sete professores entrevistados, 86% apontam que fizeram a opção pelo magistério superior, ou por falta de alternativa ou por acaso”.

Observamos, nas narrativas, que alguns dos colaboradores ingressaram na profissão docente logo que terminaram o ensino profissionalizante, em turmas do Ensino Primário (hoje, Ensino Fundamental) na cidade de Parnaíba e em turmas do Ensino Médio na cidade de Fortaleza, enquanto somente uma das professoras iniciou sua atividade profissional já no ensino superior em Parnaíba, após o término da graduação.

Em seguida, analisamos quais motivos que levaram à escolha do magistério superior e como ocorreu o ingresso como docente nesse nível de ensino, especialmente no Curso de Pedagogia do Campus Ministro Reis Velloso.

Conforme Ibiapina (2002, p. 39), “[...] para ingressar na carreira do magistério superior, o docente da UFPI deverá adquirir habilitação por meio de concurso público de provas e títulos”. Essa é uma exigência que passou a vigorar com a promulgação da Constituição de 1988. A esse respeito, essa legislação determina, no seu artigo 37, inciso II, que:

A investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvada as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração. (BRASIL, 1988, p. 35)

A partir dessa legislação, a investidura no serviço público passou a existir em função de aprovação em concurso público, exceto nos cargos comissionados, pois, para estes, os servidores podem ser nomeados ou exonerados conforme as necessidades e os interesses dos dirigentes.

Nos anos de 1970, período em que os colaboradores deste estudo ingressaram como docentes no Ensino Superior da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso, a investidura no serviço público ocorria em função de convites ou de cartas de recomendação. A professora Maria Christina relata que, no seu tempo, não havia concurso público, como nos moldes atuais. Foi, portanto, uma carta de recomendação do Monsenhor Antônio Sampaio, afirmando que já conhecia seu trabalho, que abriu espaço para que ela exercesse a docência na Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso.

Eu já aspirava ao desejo de exercer a docência no Ensino Superior; o Monsenhor Antônio Sampaio[[6]](#footnote-6) estava se aposentando, acho que ele procurava uma pessoa para pôr no seu lugar. Eu já estava ficando conhecida aqui no Campus e até mesmo em Teresina, porque eu já estava liderando o projeto para implantação do Curso de Pedagogia. Eu lembro que o Monsenhor escreveu uma carta de recomendação para o reitor me indicando para ministrar, juntamente com ele, algumas cadeiras dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração. Foi mediante a apresentação do currículo, esta carta de apresentação e o meu desejo de ingressar no Ensino Superior que eu fui contratada pela Universidade Federal do Piauí. Lecionávamos nesta época disciplinas ligadas à nossa área nos cursos do Campus Ministro Reis Velloso: Introdução à Metodologia Científica, Introdução à Sociologia e Introdução à Filosofia. Em julho de 1984, foi aprovado, depois de muita luta, pelo Conselho Universitário o Curso de Pedagogia para Parnaíba, cujas primeiras vagas foram para o Vestibular de 1985.

Ressaltamos que, em conversa informal com a professora, ela comentou que ficou lisonjeada ao tomar conhecimento que, na carta de recomendação enviada pelo Monsenhor Antônio Sampaio ao Reitor, ele afirmara que o Campus Ministro Reis Velloso somente tinha a ganhar com a presença dela. Assim, a narradora relembra que, nos anos de 1980, com a implantação do Curso de Pedagogia, assumiu, além do trabalho que já realizava em outros cursos do Campi de Parnaíba, diversas disciplinas no Curso Pedagogia, tornando-se, posteriormente, professora dedicada exclusivamente a exercer a docência em Pedagogia.

A narrativa da professora Francimar aponta que seu ingresso no Ensino Superior acorreu na UFPI – CMRV e que foi por meio de um convite feito pelo diretor do Campus, na década de 1970, que ela iniciou a sua trajetória como professora universitária.

De 1976 a 1979, fui convidada para lecionar no Campus Ministro Reis Velloso nos cursos de Licenciatura curta. Foi o início de uma experiência mais ousada porque estava designada para trabalhar com professores com vasta experiência no ensino e que, na época, cursavam, em período especial, Pedagogia com habilitação em Supervisão, Letras, História e Estudos Sociais. Nos anos 1977/1978, respectivamente, mais uma vez convidada pelo diretor do Campus Ministro Reis Velloso para assumir a coordenação de um Curso Esquema I. Tal curso destinava-se à formação didática de professores de universidades federais, no caso, aqueles lotados no Campus Ministro Reis Velloso em Parnaíba - PI. De 1980/1996, professora efetiva da Universidade Federal do Piauí, servindo no Campus Ministro Reis Velloso em Parnaíba. Em 1984, um grupo de profissionais [Manoel Jaime Filho, Maria Christina de Moraes Souza Oliveira, Monsenhor Antônio Sampaio] encaminha uma proposta aos órgãos competentes a fim de que se criasse o Curso de Pedagogia em Parnaíba. [...] No ano seguinte, em 1985, Parnaíba ganhava mais um curso superior com a implantação do Curso de Pedagogia. De forma que fui convidada a deixar de atender determinadas disciplinas que lecionava nos cursos já existentes para servir com certa exclusividade ao Curso de Pedagogia.

Para a narradora, ingressar na educação superior representou um “grande desafio”, já que ela teve, na primeira turma, alunos experientes e já com vasta experiência no magistério. Nos anos de 1980, a professora torna-se efetiva da Universidade Federal do Piauí, assumindo definitivamente as atividades docentes no Campus Ministro Reis Velloso.

A professora Rosalina também ingressou no Ensino Superior da UFPI − CMRV por meio de um convite, já que, no período da implantação, todos os cursos do Campus Ministro Reis Velloso tinham uma língua estrangeira e, por ser professora de Cultura Francesa, ela foi indicada para compor o corpo docente do Curso de Pedagogia.

Nessa época todos os cursos eram subsidiados por uma língua estrangeira, que anos depois foi retirada, não sei por quê. Fui lecionar, então, no Centro de Ciências Francesa aqui no Campus e nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia e anos depois, no Curso de Pedagogia. Foi assim que eu comecei e nunca mais parei. Foi no curso de Pedagogia que eu me agasalhei, foi o ninho que eu encontrei. Fui então coordenadora do curso, diretora da Escola de Aplicação, coordenadora de estágio por muito tempo, fui também a primeira chefe do departamento onde está incluído o Curso de Pedagogia, e onde permaneci por seis anos.

A professora demonstra ter sentimentos positivos e carinho tanto pelo Curso de Pedagogia quanto pelos colegas de trabalho e alunos, bem como demonstra satisfação em ter ministrado aulas nesse Curso.

O professor Jaime destaca que ingressou no Ensino Superior, na Universidade Federal do Piauí – CMRV, por meio de um teste[[7]](#footnote-7) que o habilitou ao exercício do magistério superior.

Em 1976, a cadeira de Introdução à Filosofia no Curso de Contabilidade aqui no Campus estava vazia. Eu procurei o reitor, fiz um teste e nisto eu entrei como professor de Introdução à Filosofia no Curso de Ciências Contábeis, no Campus Ministro Reis Velloso. Tempos depois, vieram os cursos parcelados, eu aproveitei para me qualificar mais ainda. Com isto, surgiu a oportunidade de ficar somente aqui no Campus, eu aceitei, pois, logo em seguida, isto em 1978, eu fui para São Paulo fazer Mestrado [...]. O Doutor Lauro me chamou e disse que eu ia voltar a ter somente vinte horas; foi um corte na minha vida, eu precisava terminar minha dissertação, por conta própria, eu teria que viajar e dependia de recursos para ir e vir. Isso me faria tirar meus filhos do Colégio das Irmãs, eu tive que fazer uma opção entre a conclusão do Mestrado e a educação dos meus filhos. Na hora que eu tive de fazer uma opção entre meu crescimento pessoal e a educação dos meus filhos, optei pela formação dos meus filhos.

No relato, o professor mostra como conseguiu ingressar como docente no Ensino Superior do Campus Ministro Reis Velloso, revelando também como buscava aprimorar seus conhecimentos. O desejo de saber mais, aprender mais fez com que ele investisse na qualificação docente, porém as limitações impostas pela vida fizeram com que esse profissional optasse pelo que achava mais coerente, no caso, pelo investimento na educação de seus filhos.

Evidenciamos, por meio das narrativas, que a maioria dos docentes cursou o nível médio na modalidade normal, em Escolas Normais do Piauí ou em outros estados circunvizinhos, qualificando-se, posteriormente, em nível de graduação, para ser professor. Ressaltamos que essa formação foi adquirida fora de Parnaíba, já que não havia essa modalidade de ensino na cidade, o que os obrigou a sair para outras cidades a fim de se graduarem.

No que diz respeito à formação inicial, todos os professores foram formados na área de humanas, sendo, portanto, licenciados em Pedagogia, Letras e Filosofia. Vale ressaltar que essa formação, para alguns professores, foi tortuosa, pois, como não havia essa modalidade de ensino na cidade de Parnaíba, foram obrigados a procurar outras cidades no período da formação inicial.

Observamos também que esses professores possuem rica e diversificada formação continuada, já que todos fizeram pós-graduação, sendo que dois professores (Francimar e Jaime) chegaram até mesmo a iniciar o Mestrado em Educação, muito embora não o tenham concluído. As demais professoras são especialistas nas seguintes áreas: Administração Organizacional e Literatura Infantil. O processo de formação continuada se complementa também por hábitos de leituras e participação em diversos cursos, seminários e congressos.

As narrativas evidenciaram ainda que a escolha da profissão de professor foi influenciada pela família, pela formação religiosa (Francimar e Jaime) ou por motivos circunstanciais (Rosalina), sendo que uma das professoras se reconhece vocacionada desde criança para o magistério (Christina).

Concluímos que, independente dos motivos que levaram os professores a escolher a profissão e a permanecer nela, o grupo de colaboradores não deixou transparecer frustrações, infelicidade ou insatisfação com a docência, ao contrário, todos demonstraram estar realizados com a profissão que abraçaram.

Profissionalmente, esses professores iniciaram suas funções em diversas modalidades e níveis de ensino, tornando-se mais tarde professores universitários. Vale ressaltar que a professora Rosalina foi a única do grupo que já iniciou sua vida profissional ministrando aulas de francês em cursos superiores. Lembramos ainda que esses professores, além da docência, exerceram funções como coordenação, direção, supervisão, orientação, dentre outras.

Enfatizamos ainda que todos os professores iniciaram as atividades docentes como professores universitários do Campus da UFPI em Parnaíba, exceto a professora Rosalina, todos também já tinham experiências em cursos de formação de professores, pois quase todos foram alunos e professores da Escola Normal Francisco Correia, situada na cidade de Parnaíba.

**5 Conclusão**

A narrativa, apesar de suas potencialidades, apresenta limites, já que narrar não é tarefa fácil, exigindo do narrador exaustivo espaço de memória e de quem as executa sensibilidade para perceber os fatos não contados nas palavras escritas ou orais e, sim nos gestos e emoções.

Frente às narrativas expostas foi possível perceber o percurso formativo e profissional que perpassou cada um dos professores-colaboradores, sendo possível constatarmos que o modelo da racionalidade prática foi o que mais se sobrepôs, muito embora tenhamos encontrado dados que caracterizam o modelo da racionalidade técnica, assim como a existência de um modelo que embora ainda não fosse divulgado, já fazia parte da preocupação dos professores daquele período, o qual consistia em ligar teoria e prática, permitindo que ambas andassem atrelados. Deste modo, percebemos que os professores-colaboradores não tiveram apenas um modelo de formação e sim vários.

As memórias relatadas por meio das narrativas possibilitaram um olhar sobre o percurso formativo e profissional de cada professor-colaborador, bem como a possibilidade para que estes refletissem sobre esses percursos, compreendendo suas trajetórias de formação pessoais e profissionais.

**Referências**

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

FERREIRA, M. S. Quem narra diz. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 27, n. 13, p. 51-75, set.-dez. 2006.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores**:para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 31-51.

IBIAPINA, I. M. L. **Docência universitária**: conceitos internalizados e competências construídas. Teresina: EDUFPI, 2002.

LETI, I. **Emoções, sentimentos e afetos:** uma reflexão sócio-histórica. Araracuara: Junqueira & Maren editores, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MUNHOZ, D. Inquietações com a prática pedagógica e formação continua para professores: In. BUENO, B. O.; CATANI, D. B; SOUSA, C. P. de. (Orgs.). **A vida e o Ofício dos Professores**: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 2000, p. 11-118.

OLIVEIRA, R. M. A. de. Quem quer ser professor?A visão das alunas dos cursos de formação de professores sobre a profissão docente. In: OLIVEIRA, V. F. de. (Org.). **Histórias de professores e processos de formação/subjetivação**. Fortaleza, 1998, p. 7-13.

PAPI, S. de O. G. **Professores**:formação e profissionalização. São Paulo: Junqueira & Marin, 2005.

PEREIRA, J. E. D. A pesquisa dos educadores como estratégia para a construção de modelos críticos de formação de docente. In: \_\_\_\_\_\_.; ZEICHNER, M. K. A. (org.). **Pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 11-42.

SCHWARTZ, S. Motivos para aprender ler e escrever. In: **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 40, p. 161 – 178, jul.-dez. 2006.

SOUSA, C. P. de. Percursos de formação nas memórias de docentes universitários: análise comparada. In: **Educação e Linguagem.** São Paulo, ano 8, n. 11, p. 105-122, jan.-jun. 2005.

1. Na pesquisa os colaboradores (Professora Christina, Professora Francimar Aragão, Professora Rosalina e Professor Jaime,) são nomes reais, visto que ambos acharam melhor não ficar no anonimato. [↑](#footnote-ref-1)
2. Pesquisa realizada com professoras que atuam no Ensino Fundamental, professores universitários e bolsistas de iniciação científica da UFRN. [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora colaboradora desta pesquisa. [↑](#footnote-ref-3)
4. Fundado em 1937, tendo como diretor José Rodrigues e Silva, objetivava a formação da juventude masculina de Parnaíba. Funcionava somente com o Curso Primário, sendo que, no ano seguinte, passou a funcionar com o Curso Ginasial. [↑](#footnote-ref-4)
5. Pesquisa realizada com professores universitários da UFPI/ CMRV e da UESPI, Campi de Parnaíba. [↑](#footnote-ref-5)
6. Pároco da Catedral Nossa Senhora das Graças, diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga e professor da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ocorreu porque o professor não fora convidado e nem portava carta de recomendação. Esse teste consistia em uma entrevista para melhor conhecer aspectos da vida profissional e pessoal do professor. [↑](#footnote-ref-7)